



# Nossa Odisséia

A longa jornada de Ulisses  
revista pela Companhia Aplauso

Em Cartaz  
Jornal do Teatro  
Beth Martins  
Cyrano Rosalém  
Ewerton de Castro  
Fátima Freire  
Fabiana Karla  
Flávio Marinho  
Guilherme Leme  
Luís Melo  
Stella Miranda

# Telhado de cristal

“ Já fiz dramas, comédias, tragédias e musicais. Gravei CDs, escrevi peças, crônicas e reportagens. Fui diretora artística de dois teatros e tive a sorte de criar uma dupla sertaneja, Xicotinho e Salto Alto, que se apresentou até em Nashville, nos Estados Unidos. Sou jornalista formada na primeira turma da FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo, e trabalhei na Editora Abril. Em seguida, nos anos 70, fui para a França e lá fiquei por quatro anos, e foi onde concluí um curso tradicional de teatro numa escola especializada em Paris.

Mas, atenção! Não conto minhas aventuras por cabotinagem. Apenas acredito que talvez esse meu espírito indômito é que tenha atraído o interesse do Jornal O Globo, pois o editor-chefe, Artur Xexeo, acaba de me convidar para ser crítica Teatral do Segundo Caderno. Farei parte de um time de primeiríssima linha – olha que orgulho! –, encabeçado pela veterana Bárbara Heliodora, entre outros quatro críticos.

Ficaremos conhecidos como “O Teatro dos Quatro”.

De pronto, argumentei que minha posição era polêmica. Que sendo da classe teatral, estava no fio da navalha. Porém, Artur Xexeo dobrou minha resistência. Ele queria alguém de dentro da “quarta parede”. Percebi que esta seria uma possibilidade única de estabelecer uma ponte dentro da própria classe. Mais do que falar de colegas, eu falaria para colegas.

Reconheço que minha postura é delicada. Mas, repito, quero dialogar.

Como atriz, diretora e, agora, crítica teatral, estou numa fronteira. Uma colega falando de colegas. Que dilema. E, devo admitir, meu telhado é de vidro – aliás, de cristal finíssimo.

Eu mesma estarei estreando meu espetáculo em agosto. E quem não gosta de Aplauso?

Mas, enfim, minha paixão pelos palcos fala mais alto. Viva o Teatro! ”

**Stella Miranda, julho de 2008**



## Será que ele vem?

O barítono Paulo Szot, vencedor do prêmio Tony como melhor ator por sua performance em *South Pacific*, na Broadway, já está sendo sondado por diferentes companhias brasileiras para alguns espetáculos no circuito Rio-São Paulo. Szot ainda não tem planos para 2009, mas a temporada de *South Pacific* deve estender-se por um bom período. Vamos aguardar!

## Suspense interativo

Em clima de história policial inglesa, *Mistério na Mansão: o Caso da Cantora Cantonesa* é o primeiro espetáculo teatral itinerante e interativo encenado na sede da Fundação Eva Klabin, na Lagoa, que abriga um dos melhores acervos de obras de arte do País. As sessões acontecem todos os fins de semana, até 21 de setembro, e são restritas a 35 espectadores. A peça, de Jonas Klabin, foi inspirada nos jogos *Detective* e *Mystery Murder Play*.

## Vitalidade em cena

Aos 85 anos recém-completados, Sérgio Britto dedica-se com afinco a dois monólogos de Samuel Beckett, a serem encenados no Oi Futuro, em agosto. O espetáculo, que reúne *Um ato sem palavras* e *A Última Gravação de Krapp*, exige um bom condicionamento físico do ator, que precisa movimentar-se durante mais de uma hora. A diretora Isabel Cavalcanti orienta o trabalho de corpo de Sérgio Brito, que está em ótima forma!

## Só poesia

O bairro Botafogo, que desde a abertura do Teatro Poeira tem visto aumentar o número de casas dedicadas ao teatro, recebe em breve a Casa Poema, na qual serão oferecidos workshops de interpretação de poesia. À frente do projeto está Elisa Lucinda, que consagrou uma maneira de “falar poesia” bem diferente da tradicional. Mais informações pelos telefones 2286-5977 e 2286-5776.

Beth Martins

## Malabarismo na vida

6 Há 22 anos, um grupo de artistas – bailarinos, atores, capoeiristas, malabaristas, acrobatas –, de diferentes formações, juntou-se para criar uma trupe que buscava sua própria linguagem. Unidos por uma paixão comum, a Intrépida Trupe nasceu um pouco depois que a Escola Nacional de Circo abria, para todas as pessoas, os conhecimentos até então restritos às famílias circenses.

Minha primeira visão do que seria a cena teatral foi nos circos que visitavam minha cidade, Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Depois que o circo passava, subíamos em árvores e nos pendurávamos em cipós, tentando reproduzir aquela magia. Vim para o Rio fazer teatro e dança. Entrei para o circo bem tarde, em idade fora do padrão para iniciação, diziam. Mas para mim esses limites não existiam, como não existem até hoje.

Anos atrás, recebemos um desafio, idéia de Betinho, que convidou a Intrépida Trupe para participar do projeto *Se essa rua fosse minha*. Para ele, os meninos se identificariam com os riscos de dar saltos mortais, de se atirar de grandes alturas. E ele es-



Fundadora da Intrépida Trupe. Beth Martins também é diretora de Circo da Companhia Aplauso

tava certo. Alguns se formaram na Escola Nacional de Circo e estão trabalhando em companhias profissionais consagradas do Brasil e do Mundo.

O social passou a integrar minha vida. No Galpão Aplauso, trabalho desde a sua fundação com jovens vindos de várias comunidades, e percebo uma boa resposta corporal devido a experiências deles em situações próprias do seu cotidiano. Estou iniciando um projeto (“Preciosa Idade”) que reúne jovens vindos de vários meios sociais. A reunião da individualidade dos integrantes e a capacidade de acolher essas diferenças formaram um coletivo vivo, potente, criativo, com linguagem e identidade própria. É dessa mistura que nasce a riqueza da expressão de cada um, elemento primordial na formação do artista.”



# Quatro Carreirinhas

Depois de 12 anos, o espetáculo volta a se apresentar no Rio

Por Olga de Mello

Quando chega o momento do Juízo Final, cada um tem que prestar contas sobre sua vida, reza a tradição judaico-cristã. E nada melhor para um grupo de cantores do que lembrar os episódios marcantes experimentados na Terra através da música. A trama de *Quatro Carreirinhas*

foi elaborada por Flávio Marinho para mostrar suas canções preferidas – e mexer com a memória afetiva do público – em 1996, e então encenada com direção de Wolf Maya. “Mas sou um dramaturgo, preciso de texto. Não podia pensar apenas em um recital”, conta Flávio, que atualizou poucos trechos do texto original para a nova montagem, na sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon.

## Humor negro

O espetáculo atual é praticamente igual ao original, não apenas em sua estrutura. A equipe é a mesma, com uma só exceção – o ator Cláudio Lins entrou no lugar de Néelson Freitas. Permanece também o elenco da montagem de 1996 – Renato Rebelo, Cláudio Falvan, Carlos Leça e Fênix –, além de Wolf Maya como diretor e Liliane Secco na direção musical. Leve, com toques de humor negro, mas também abrindo espaço para momentos bastante emocionantes, a peça permaneceu em cartaz por dez meses, obtendo sucesso de crítica e público. Parte do sucesso, Flávio Marinho atribui ao trabalho primoroso de Liliane, que ganhou o Prêmio Shell naquele ano.

“Eu me orgulho muito de ser padrinho da Lili, que conseguiu dar o tom exato ao espetáculo, com leveza, emoção e também um pouquinho de humor negro. Afinal, os personagens morrem num desastre de automóvel exatamente quando iam ter a grande oportunidade profissional pela qual tanto esperavam. Eles sempre foram bons cantores, mas tiveram pequenas carreiras, as tais quatro carreirinhas, dedicando-se a animar festas em locais modestos. Exatamente

como muitos artistas que encontramos em churrascarias, bares e casas noturnas, que nunca conquistam o reconhecimento público. Mas esses cantores precisarão fazer a melhor de todas as apresentações que sonharam para convencer Deus de que merecem ir para o Paraíso”, conta Flávio.

Para Liliane Secco, *Quatro Carreirinhas* foi um marco pessoal e profissional. Mais do que a premiação pela direção musical, ela se orgulha de haver contribuído para montar um espetáculo que combinou a alta qualidade das canções com interpretações precisas que encantam o público. “Voltar a trabalhar com os atores/cantores e com Flávio e Wolf foi um reencontro delicioso. E, desta vez, muito mais fácil, já que apenas o Cláudio não havia tido a mesma experiência”, diz Liliane.

## Para cantar junto

O repertório, escolhido por Flávio Marinho, “com alguns palpites de Wolf”, traz clássicos dos anos 30 até a década de 90, referências musicais da geração do autor. Há de Dalva de Oliveira a musicais da Broadway, passando pelo pop Fred Mercury. O romantismo é expresso em diferentes épocas, com *Love is a Many Splendored Thing* e *Dream a Little Dream of Me*. A política se revela em canções como *Cálice*, enquanto a ingenuidade da juventude dos anos 60 é celebrada com sucessos da Jovem Guarda. A eclética seleção deu espaço até a jingles famosos, que pontuam, com humor, a trama.



FOTOS: BABILEMOS / DIVULGAÇÃO

# Nossa Odisséia

**Companhia Aplauso  
e seu novo trabalho:  
o exercício da reflexão  
por meio do relato  
mítico das viagens de  
Ulisses**

Por Olga de Mello

**P**or dez anos, Ulisses enfrentou perigos e tentações para voltar para casa, em Ítaca. A partir deste mês, a jornada do herói grego ganha um olhar urbano e contemporâneo no Espaço Cultural Sérgio Porto, onde a Companhia Aplauso faz temporada de três semanas com o espetáculo *Nossa Odisséia*, mostrando as aventuras de Ulisses sob a ótica e vivência dos jovens



artistas do grupo. A Companhia Aplauso foi um dos grupos convidados para a reabertura do Espaço, que completa 25 anos.

Este ano, o projeto desenvolvido pelo Galpão Aplauso foi envolver seus jovens artistas, funcionários e equipe de criação em aprofundar um plano ético de convivência a partir do estudo da filosofia e da mitologia gregas, das tragédias e seus mitos, transpondo para o cotidiano princípios que resistem à passagem do tempo e permanecem importantes no mundo contemporâneo. Valores como respeito, habilidades sociais e lealdade estão na *Nossa Odisséia*.

A escolha dos atores foi do diretor Thierry Tremouroux que, depois de muitos exercícios e de discutir o texto com o elenco, procurou semelhanças entre cada figura mitológica e os artistas. Cinco deles se revezam como Ulisses, enquanto duas atrizes vivem Penélope e um casal é Polifemo, simultaneamente, em cena. As ações são indicadas por dois narradores, Murilo Fontes e Laís Clara, que permanecem o tempo todo em cena. “É um desafio, pois atuamos e também somos público, um elo entre o palco e o imaginário”, conta Laís.

### Quem são eles

Beto Lossan, o primeiro **Ulisses** a entrar em cena, admite estar totalmente envolvido com a experiência de buscar nos mitos referências da vida comum. “É uma grande responsabilidade representar Ulisses, que vejo como um homem repleto de vícios e virtudes. Determinado, ele não fraqueja quando precisa escolher entre a imortalidade oferecida por Calipso e a vida com a família”.

Para Tiago Rodrigues, que também faz **Ulisses**, o texto tem passagens que levam a associações com a vida de todos. “As tentações que quase nos impedem de agir corretamente são as mesmas que Ulisses enfrenta quando tenta voltar para casa. Mas o trabalho ainda não terminou, ainda há muito para refletir e descobrir no texto, que apresenta novidades a cada leitura”, diz Tiago.

Um dos intérpretes do ciclope **Polifemo**, o gigante de um só olho, que aprisiona Ulisses e seus marinheiros em sua ilha, é Tiago Felício, que não encara o personagem como um vilão. “Polifemo prendeu os que invadiam sua ilha, seu habitat, e ainda foi vítima desses mesmos invasores, que, para escapar, enganaram-no, pilharam sua casa e furaram seu olho. Quem nunca foi traído, espoliado ou maltratado? Não é difícil encontrarmos semelhanças com o mundo em que vivemos”, afirma.

Priscilla Balio, que faz uma das duas **Penélopes**, a mulher fiel a Ulisses, conta ter percebido semelhanças entre sua vida e a da personagem, pelo menos ambas têm “muitos nós a desatar na vida”. Já Tânia Lima, a Calipso, encontrou uma força interna que desconhecia ao viver a ninfa: “o desespero de Calipso ao ver Ulisses partir é tão intenso que fortalece”.

Clayton Peçanha, outro dos cinco **Ulisses**, inicialmente pensou que sua única identificação com o personagem estaria no desejo de viajar pelo mar. Enganou-se. Através de Ulisses “descobri que meu lugar é em terra”. Beatriz Martins, por sua vez, que interpreta a deusa Atenas, é apresentada no espetáculo como uma pop star. “Os deuses são estrelinhas, muito engraçados”, conta.

## Jornada Ética

*Nossa Odisséia*, como todo espetáculo teatral, é um trabalho conjunto, com várias pontas sendo amarradas para o objetivo final. A equipe de criação tem nada menos que 26 profissionais, que constroem essa bela jornada com o patrocínio da Petrobras e o apoio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. No palco, 50 jovens artistas alinham, sob o ponto de vista narrativo da obra de Homero, um espetáculo emocionalmente impactante, cujo processo de criação colaborou para uma redefinição das relações sócio-afetivas dos envolvidos. “Mais do que um espetáculo teatral, a Jornada Ética que estamos vivenciando no Galpão Aplauso é a motivação principal do nosso trabalho”, diz Ivonette Albuquerque, diretora executiva. Um trabalho que tem por finalidade contribuir para que os jovens membros da Companhia Aplauso sejam capazes de sair definitivamente da condição de beneficiário de programas sociais e tornarem-se cidadãos bem-vindos ao mercado produtivo das artes e do entretenimento. “É exatamente isso que estamos fazendo aqui”, diz Ivonette, orgulhosamente.



Wallace Lima é **Hades**, o deus dos mortos: “apesar de meu personagem ser sombrio, ele canta blues ao lado de Atenas, Poseidon, Hermes, Zeus e Perséfone”, revela. E a decana da companhia é Elaine Vanucci, 28 anos, que faz **Circe**, a feiticeira sedutora. “Circe me mostrou facetas escondidas dentro de minha personalidade, o que me enriquece como pessoa”, diz ela.

## Companhia Aplauso

Criada em 2005, a Companhia Aplauso é formada por 50 jovens artistas, selecionados para integrar o grupo após cursos em oficinas de teatro, circo, dança, música e artes plásticas desenvolvidos pela ONG Galpão Aplauso. Com apenas quatro anos, além de se apresentarem no Rio de Janeiro, levaram os espetáculos *5 X Rodrigues & Rodrigues*, *Amazônia, vida e mistério*, e *O Mambembe* em turnês pelo Nordeste, Centro-Oeste e Alemanha.

## Ficha técnica

- Direção Executiva: Ivonette Albuquerque
- Direção Artística: Thierry Trémouroux
- Direção de Conteúdo: Cristina Novaes
- Diretora Assistente: Suzana Nascimento
- Preparação de Elenco: Christian Landi
- Direção de Desenhos Aéreos: Beth Martins
- Preparação de Acrobacias Aéreas: Camila Moura
- Preparação e Acrobacias de Solo e Aparelhos: Rodrigo Garcez
- Direção Musical: Liliane Secco
- Desenhos Sonoros: Rodrigo Braga
- Regência do Coral: Roberto Monteiro Salles
- Percussão: Michel Feliciano
- Direção de Movimento: Dudu Gomes, Marcelle Sampaio
- Preparação Corporal: Camila Moura, Dudu Gomes, Marcelle Sampaio
- Pesquisa de Texto e Conteúdo: Suzana Nascimento, Sophie Sheyla Farhi
- Direção de Arte e Cenografia: Cristina Novaes
- Figurino: Desirée Barros

## Maratona artística

O Espaço Cultural Sérgio Porto, um dos mais importantes pólos de experimentação artística do Rio de Janeiro, permaneceu fechado por um ano, depois que um incêndio consumiu suas instalações. Sua reabertura será especial: terá 25 horas de programação com artistas que já se apresentaram no local. A maratona marca também os 25 anos do Sérgio Porto, onde surgiram movimentos, como o CEP 20.000, e o grupo Pedro Luís e a Parede, entre outros.

“Nesses 25 anos, o Sérgio Porto conquistou um público cativo que procura uma programação de qualidade e que tenha compromisso com a experimentação. Para enfatizar o caráter do Espaço, os artistas novos é que vão reabri-lo. A Companhia Aplauso, um dos últimos grupos a se apresentar aqui antes da reforma, tem exatamente essa marca da inovação”, diz a diretora do Espaço Sérgio Porto, Gabriela Saboya.





# O que eu gostaria de dizer

Em cena, reflexões sobre a força, a fragilidade e o heroísmo

Uma reflexão sobre a fragilidade como força transformadora que impulsiona a comunicação e a busca por novos caminhos. É assim que os quatro artistas envolvidos na criação de *O que eu gostaria de dizer* resumem a peça, resultado de um projeto da Companhia Brasileira de Teatro, envolvendo pesquisa que indaga a própria função da arte. Durante seis semanas, os membros da companhia e os atores Luis Melo, Márcio Vito e Bianca Ramoneda permaneceram isolados em um sítio a 40 quilômetros de Curitiba, analisando aspectos da vida cotidiana e da atividade artística. O resultado é o trabalho questionador sobre conceitos como força e fragilidade, que Melo, Vito e Bianca interpretam no Espaço Sesc.

## Cumplicidade

Partiu do diretor Márcio Abreu a idéia de reunir pessoas que já haviam trabalhado com a Companhia em algum local onde se concentrassem numa “convivência criativa”. No sítio de Luis Melo, em São Luís do Purunã, os artistas puderam levantar material dramaturgico a partir de suas vivências. A fragilidade destacou-se, então, como tema. “Quando as pessoas colocam suas vulnerabilidades e permeabilidades em jogo, a comunicação se

faz de forma muito evidente. A idéia da força e do heroísmo é bastante questionada. Onde está a força: no sujeito que se declara frágil de antemão e consegue se expressar diante daquilo ou em quem demonstra força?”, indaga Márcio Abreu.

Segundo Luis Melo, todos os questionamentos filosóficos levantados pelo texto só puderam fluir devido ao período passado no sítio. “Somos todos urbanos, precisamos de outro tempo, outra geografia para nos concentrarmos sobre o que nem percebemos no dia-a-dia”.

Dentro do processo de construção do espetáculo, a primeira apresentação, com o nome provisório de *Deserto*, no último Festival de Curitiba, foi fundamental para estruturá-lo, diz o ator. “Levamos o processo ao público e ali estabeleceu-se uma cumplicidade que diminui a distância entre a figura do ator e a da platéia. O público gosta de perceber conflitos, inquietações típicas do processo, onde não há certeza de nada, dividindo com os artistas o improviso, o erro, sem qualquer glamour” diz o ator.

## Solidão

Para mostrar os três personagens em cena durante toda a peça, o cenário tem

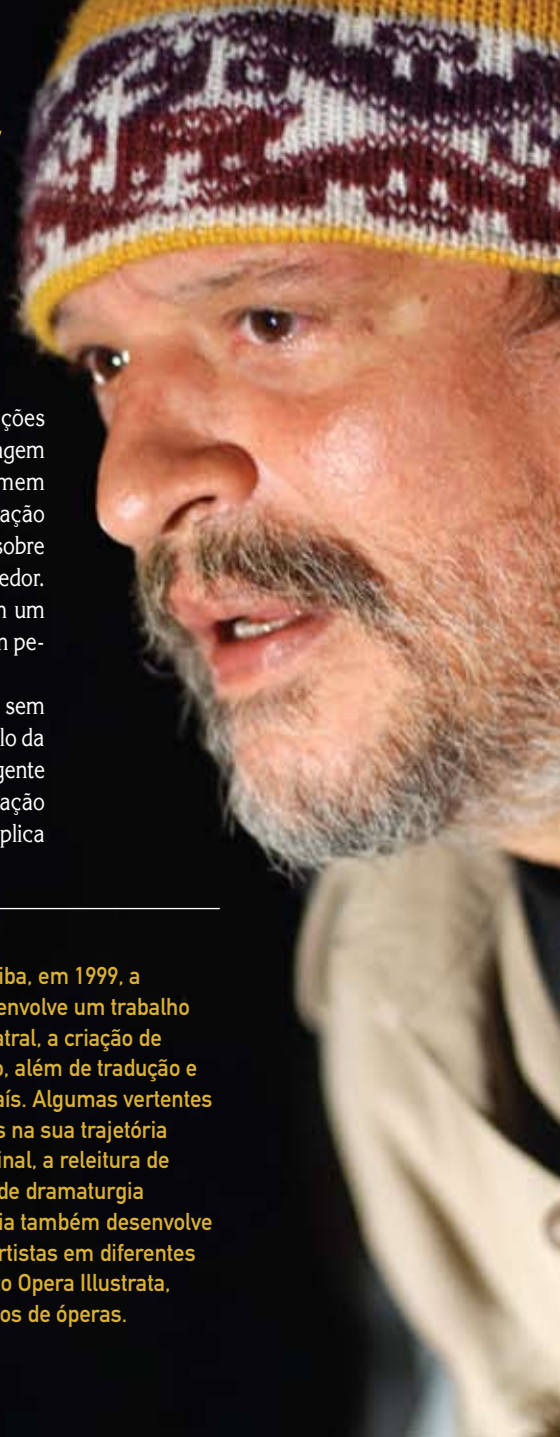
três ambientes delimitados por armações de metal. Um deles é a sala do personagem representado por Luis Melo, um homem mais velho, aparentemente sem ocupação específica, que perambula refletindo sobre sua existência e o que observa ao seu redor. Bianca Ramoneda e Márcio Vito fazem um casal que está se separando e transitam pelos dois cômodos de seu apartamento.

“Esses personagens foram surgindo sem que nós os tivéssemos escolhido. O título da peça é exatamente o anseio de muita gente e demonstra a dificuldade de comunicação dessas três pessoas tão sozinhas”, explica Luis Melo.

## Multiplicidade

Fundada por Márcio Abreu em Curitiba, em 1999, a Companhia Brasileira de Teatro desenvolve um trabalho contínuo voltado para a pesquisa teatral, a criação de espetáculos e a formação de público, além de tradução e publicação de autores inéditos no País. Algumas vertentes e linhas de atuação são identificadas na sua trajetória como a criação de dramaturgia original, a releitura de clássicos e a encenação e tradução de dramaturgia contemporânea inédita. A Companhia também desenvolve trabalhos em parceria com outros artistas em diferentes expressões artísticas, como o projeto *Opera Illustrata*, composto por sete concertos didáticos de óperas.

FOTO: GUGA MELGAR / DIVULGAÇÃO





# O santo e a porca

Uma divertida farsa sobre a avareza, a fé e a esperteza

Por Olga de Mello

Em 1958, o escritor Ariano Suassuna recebeu a encomenda de uma peça para inaugurar o Teatro Cacilda Becker. Debruçou-se sobre um texto clássico de Plauto, *A Comédia da Panela*, escrita há mais de 2000 anos, e recriou personagens emblemáticos na dramaturgia ocidental, como o avaro, a empregada espertalhona e a mocinha que namora escondido, sem a aprovação da família. Depois de atravessar dois milênios, *O Santo e a Porca* continua

atual ao falar da preocupação de um homem maduro com a velhice e o apego aos bens materiais. Em temporada no Teatro Sesi, a peça tem Ewerton de Castro à frente de um elenco extremamente afinado, sob a direção de João Fonseca.

## Humor e reflexão

Completando 40 anos de carreira, Ewerton aceitou o convite da Limite 151 Cia Artística para interpretar o avaro Euricão, que

poupa neuroticamente seu dinheiro, vivendo no desconforto e suspeitando que todos queiram roubá-lo. “Existe gente assim, infelizes por não conseguirem se apoiar na essência das coisas, que deixam o lado material superar até a razão. A peça leva a reflexões interessantes, e tem uma conclusão filosófica, bem distante do tom divertido que domina a maior parte do texto. É muito curioso como o Suassuna quis encerrar o espetáculo com um discurso duro, que quebra com a aparente brincadeira proposta em todas as outras cenas”, diz ele, que acha o humor essencial não apenas no teatro, mas na vida: “Ninguém pode ser triste o tempo todo. Até a tristeza precisa de humor. E neste texto fantástico, Suassuna soube equilibrar perfeitamente situações engraçadas com um tema que preocupa a humanidade há séculos: a supervalorização do materialismo”.

O texto aborda diretamente o medo da solidão, e sua conclusão com um gosto “amargo” dá um cunho humanista à farsa, provocando questionamentos. “A linguagem de Suassuna é surpreendentemente contemporânea. Não precisei mexer em nada,

nem modernizar termos”, diz o diretor João Fonseca, que destaca ainda o cuidado do autor em criar personagens com presença igual em cena. “Ele escreveu um papel para a Cleyde Yáconis, outro para a Cacilda Becker, outro para o Walmor Chagas. Todos os integrantes da companhia tinham importância na peça. É um trabalho cuidadoso e magistral de Suassuna”, elogia o diretor.

## Ai, a carestia!

A montagem comemora os 80 anos de Ariano Suassuna – com um ano de atraso, tempo que a Limite 151 Cia Artística levou para obter o financiamento para o espetáculo. Criada em 1991 pelos atores Edmundo Lippi e Gláucia Rodrigues e pelo diretor musical Wagner Campos, a Cia acalentou o projeto por mais de cinco anos. No palco, Ewerton de Castro arranca gargalhadas quando entoia, desesperado, as lamentações de Euricão: “Ai, a crise! Ai, a carestia!” Outros bons momentos de *O Santo e a Porca* ficam por conta de Gláucia Rodrigues, que faz Caroba, a empregada de Euricão. “Gláucia é maravilhosa. Há mais de dez anos

ela atua com muita precisão. Caroba é aquele empregado manipulador que está na maioria das comédias clássicas. Banca a ingênua para obter proveito próprio, mas sempre conquistando a simpatia do público”, diz João Fonseca.



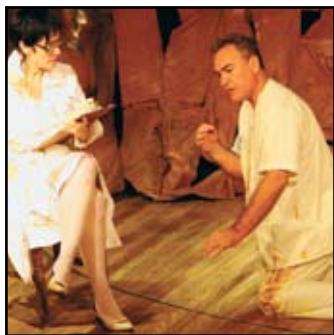
# NEGÓCIOS



# INACABADOS



FOTOS: DIVULGAÇÃO



## Histórias do dia-a-dia, dos noticiários para o palco

**O** que acontece depois que um fato é mostrado em notícias de jornais? Como se comportam os protagonistas das histórias que lemos todos os dias? A partir destas questões, Cyrano Rosalém desenvolveu os onze quadros que compõem

*Negócios Inacabados*, em temporada na Sala Marília Pêra do Teatro Leblon. “A idéia é transformar o leitor em um *voyeur* que espia pelo buraco da fechadura segredos que jamais deveriam ser expostos, mas que acabam estampados publicamente, de

forma distante e pouco comovente”, explica Cyrano, que desempenha oito diferentes papéis na peça.

### Heavy metal

Todos os quadros trazem personagens vivendo uma situação-limite das relações humanas – e cada história foi inspirada por uma notícia real. “Chamo essas histórias de fatias da vida, pois elas mostram diferentes realidades que sempre se encaminham para o clímax de um conflito”, diz o autor e diretor do espetáculo, que pontuou o clima pesado em cena com a música heavy metal do roqueiro paulista André Moraes. “Eu queria um rock pesado mesmo para sublinhar a crueza da vida. Numa certa ocasião, abri a programação teatral e descobri que havia mais de 30 espetáculos leves em cartaz. Isso significa que a violência fica apenas no noticiário, que as pessoas fogem da reflexão”, acredita Cyrano.

As atrizes Nina de Pádua, Fátima Freire, Juliana Teixeira e Marcia Nunes se dividem nos papéis femininos das histórias, que tratam, entre outros temas, de incesto, homossexualismo, corrupção, prostituição, abuso sexual no ambiente de trabalho, adultério e depressão. O universo suburbano consagrado por Nelson Rodrigues está presente em alguns dos quadros, como a do pai, um militar reformado, que sente vontade de matar a filha grávida.

### Machismo

“Não existe um protagonista na história – nem um personagem bonzinho. São pessoas, com qualidades e defeitos, alguns

mais evidentes que outros, transitando por diferentes ambientes”, diz Cyrano, que admite ter se sentido incomodado por um só personagem, o jogador de futebol Wandergleison, um tipo bronco e machista que volta ao Brasil depois de uma temporada jogando em um país muçulmano. “Até por uma questão de cumprir as leis locais, ele teve que se manter casto enquanto trabalhava para o clube árabe, mas sublimou seu desejo pensando na noiva que deixou no País”, conta.

Wandergleison é o personagem mais rejeitado pelas mulheres, tanto por sua grosseria quanto pelos preconceitos que ele não esconde. Criei o Wandergleison ao ler que um jogador nosso ia para a Turquia e deixava no Brasil a noiva. Não sei o que aconteceu com o jogador, nem ele demonstrava ser desagradável como o personagem acabou se tornando. Como tantas outras notícias, essa sugeriu uma boa história para a peça”, conta Cyrano.

### Vida real

Sem fazer concessões à leveza, o autor mostra, entre outras histórias, o reencontro de um casal de amantes que descobrem ser totalmente opostos, principalmente em relação a posturas éticas; um homem que procura a irmã com quem nunca conviveu; o patrão que assedia sexualmente a secretária; duas irmãs siamesas que são separadas cirurgicamente, mas não têm a oportunidade de viver com independência. “Na verdade, a peça não é pesada. A vida é muito mais violenta. Apenas coloco em cena o que lemos diariamente”, diz Cyrano Rosalém.

### ADVOCACIA SEGUNDO OS IRMÃOS MARX

Uma advogada corrupta e seus preguiçosos assistentes tentam dar golpes nos clientes que os procuram. Texto: Bernardo Jablonski. Direção: Fabiana Valor e Bernardo Jablonski. Com Heloísa Perissé, Marcelo Adnet, Fernando Caruso, Gregório Duvivier e Rafael Quiroga. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Terças e quartas, 21h. R\$ 40.

### ALZIRA POWER OU O CÃO SIAMÊS

A incomunicabilidade, a solidão, o sexo e a violência eclodem no cotidiano de dois vizinhos no texto de Antônio Bivar, vencedor do Prêmio Molière de 1969. Direção: Gustavo Paso. Com Cristina Pereira e Sidney Sampaio. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont 116, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R\$ 30.

### BALAIO DE GATOS

Um assaltante quer seqüestrar a dona da casa que invadiu, mas não sabe de sua real identidade. Texto: Fátima Valença e Bia Montez. Direção: Marcelo Caridade. Com Fabiana Karla e Leandro Damatta. **Teatro dos Grandes Atores** (Avenida das Américas, 3555 – Barra da Tijuca). Fone: 3325-1645. Sexta e sábado, 23h. R\$ 50.

### BEATLES NUM CÉU DE DIAMANTE

Charles Möeller e Cláudio Botelho

fazem uma releitura das músicas dos Beatles, contando a trajetória de uma jovem da adolescência à vida adulta. Texto: Charles Möeller e Cristiano Gualda. Direção: Charles Möeller. Direção musical: Cláudio Botelho. Com Gottscha, Marya Bravo. **Teatro Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, 18h; sexta e sábado, 21h; domingo, 20h. R\$ 50 (qui. e sex.) e R\$ 60 (sáb. e dom.).

### BRINCANDO EM CIMA DAQUILO

Débora Bloch vive três mulheres que traçam um panorama bem-humorado sobre a condição feminina. Texto: Dario Fo e Franca Rame. Direção: Otávio Muller. **Teatro dos Quatro** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2274-9895. Segunda a quarta, 21h. R\$ 50 (seg.) e R\$ 60 (ter. e qua.).

### CADELA DE VISON

Um ator em crise recebe a visita de uma mulher morta há 25 anos. Texto: Renato Borghi. Direção: Elcio Nogueira Seixas. Com Renato Borghi, Luciana Borghi e Elcio Nogueira Seixas. **Teatro de Arena da Caixa** (Av. Almirante Barroso, 25, Centro). Fone: 2544-4080. Quinta a domingo, 19h30m. R\$ 15.

### AS CENTENÁRIAS

Duas carpideiras, que passam a vida em velórios e enterros no interior do

Nordeste, encontram com celebridades locais e entram em confronto com a Morte. Texto: Newton Moreno. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Marieta Severo, Andréa Beltrão e Sávio Moll. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quinta, sexta e sábado, 21 h. Domingo, 20 h. R\$ 60 (quinta, sexta e domingo). R\$ 70 (sábado).

### COMO PASSAR EM CONCURSO PÚBLICO

O grupo Cia de Comédia G7 satiriza a obsessão dos brasileiros pela estabilidade no emprego público, em texto de criação coletiva. **Teatro dos Quatro** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta e sábado, 19h30. Domingo, 19h. R\$ 30.

### CONTOS QUE NEM TE CONTO

Comédia satírica faz uma nova leitura dos contos clássicos infantis. Criação: Dicroicos Cia Teatral. Direção: Gisele Câmara. Com Charles Smith, Pedro Ruggiero, Gisele Câmara, Faterson Oliveira e Priscila Lessa. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h. R\$ 25.

### DE MIM QUE TANTO FALAM

As atrizes Cristina Mayrink e Daniela Olivert personificam as várias facetas de uma mulher. Texto: Martha Medei-

ros. Direção: Paula Sandroni. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta e sexta, 18h30. R\$ 30.

### O DIABO VESTE SAARA

Socialite procura nas ruas da Saara a mulher que roubou seu marido. Texto: Marcelo Lino, Melise Maia e Cássia de Barros. Direção: Hélio Ribeiro. Com Melise Maia, Elida L'Astorina. **Teatro Sesi** (Av Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4455. Terça e quarta, 19h30. R\$ 20.

### DIVINA ELIZETH

Em 40 clássicos da MPB, o musical – uma criação da Companhia Brasileira de Musicais – lembra a carreira da cantora Elizeth Cardoso. Direção musical: Josimar Carneiro. Com Dhu Moraes, Beatriz Faria. **Teatro Sesc Ginástico** (Av. Graça Aranha 187, Centro). Fone: 2279-4027. De quinta a domingo, 19h30m. R\$ 40.

### DOCE DELEITE

O universo do teatro mostrado através de seus próprios personagens e estilos. Texto: Alcione Araújo. Direção: Marília Pêra. Com Reynaldo Gianecchini e Camila Morgado. **Teatro dos Quatro** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea, Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 70 (Qui. e sex.). R\$ 80 (Sáb. e dom.).

### DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

Adaptação do romance de Jorge Amado, em que a viúva Flor volta a se casar, mas continua recebendo visitas do falecido marido Vadinho. Direção: Pedro Vasconcellos. Com Carol Castro, Marcelo Faria, Duda Ribeiro. **Teatro das Artes** (Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 60 (qui., sex. e dom.) e R\$ 70 (sáb.).

### ESTAÇÃO TERMINAL

Monólogo baseado em textos de Lima Barreto. Adaptação: João Batista. Com Tuca Moraes. **Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ** (Av. Pasteur, 250, Urca). Fone: 2295-1590. Domingo, 19h. R\$ 20.

### EU SOU O SAMBA

Os jornalistas João Máximo e Fátima Valença contam a história do samba neste musical. Os figurinos são de Rosa Magalhães. Carlinhos de Jesus assina a coreografia. Direção: Fábio Pilar. Direção musical: Helcius Vilella. Com Cláudia Mauro, Romeu Evaristo, Rafaela Fisher. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, 19, Centro). Fone: 2224-3602. Quinta, sexta e sábado, 19h30. Domingo, 18h. R\$ 40.

### A FORMA DAS COISAS

Uma estudante de Artes transforma a vida de seu namorado, que trabalha como segurança no museu de uma

universidade. Texto: Neil Labute. Direção: Guilherme Leme. Com Pedro Osório, Carol Portes. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30.

### HAMLET, PRÍNCIPE DA SOLIDÃO

Versão da tragédia de Shakespeare, em que um príncipe busca vingar o assassinato do pai. Adaptação e direção: Bruno Rodrigues. Com a Cia Sopro do Ator. **Teatro Sesi** (Av Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4455. Segunda, 19h30m. R\$ 10.

### I LOVE NEIDE!

Monólogo com Eduardo Martini interpretando uma especialista em autoajuda. Texto de Pablo Diego e Marcelo Saback. Direção: Eduardo Martini. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3555, loja 116/117, Barra da Tijuca) Fone: 3325-1645. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 50 (sex. e dom.). R\$ 60 (sáb.).

### MAMÃE NÃO PODE SABER

Uma família que vive de aparências entra em pânico com a iminente visita da mãe, que mora em outra cidade e pensa que o genro é o prefeito do Rio de Janeiro. Texto e direção: João Falcão. Com Flávia Guedes, Rodrigo Fagundes, Thaís Lopes. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$ 30 (qui. e sex.). R\$ 40 (sáb. e dom.).

### MEMÓRIA AFETIVA DE UM AMOR ESQUECIDO

Inspirado no argumento do filme *Brilho Eterno de Uma Mente sem Lembranças*, o grupo Os Dezequilibrados discute a superficialidade das relações no mundo contemporâneo. Direção: Ivan Sugahara. Com Ângela Câmara, Cristina Flores, José Karini e Saulo Rodrigues. **Oi Futuro** (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Fone: 3131-3060. De sexta a domingo, 21h. R\$ 15.

### MISTÉRIO NA MANSÃO

*O Caso da Cantora Cantonese*. Um público de apenas 35 espectadores percorre diversos cômodos da sede da Fundação Eva Klabin, enquanto se desenrola o espetáculo, uma trama policial inspirada no jogo Detetive. Texto e direção: Jonas Klabin. Com Marcos Oliveira, Ana Kutner. **Fundação Eva Klabin** (Av. Epitácio Pessoa, 2.480, Lagoa). Fone: 3202-8550. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$ 60.

### NEGÓCIOS INACABADOS

Notícias de jornal inspiraram os onze quadros que tratam de situações de conflito da vida moderna. Texto e direção: Cyrano Rosalém. Com Nina de Pádua. **Teatro Leblon – Sala Fernanda Montenegro** ((Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Terças e quartas, 21h. R\$ 40.

### NO NATAL A GENTE VEM TE BUSCAR

Mulher pensa que vai morar com uma prima, mas a família decide interná-

la em um asilo. Texto e direção: Naum Alves de Souza. Com Claudia Jimenez, Rodrigo Phavanello. **Teatro do Leblon – Sala Marília Pêra**. (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$ 70 (qui., sex. e dom.) e R\$ 80 (sáb.).

### A NOSSA ODISSÉIA

As viagens de Ulisses são contadas através da ótica de jovens cariocas que integram a Cia Aplauso. Adaptação e direção: Thierry Tremouroux. Com Thiago Felício, Priscilla Balio, Beto Gonçalves e Diego Nascimento, entre outros. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Terças e quartas, 20h. R\$ 10.

### A NOVIÇA REBELDE

Baseada em fatos reais, a história de amor entre uma jovem noviça e seu patrão, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, tornou-se um dos mais populares musicais da história e estréia no Rio em superprodução assinada por Cláudio Botelho e Charles Möeller. Com Héerson Capri, Kiara Sasso, Vera Canto e Mello. **Oi Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 2511-0800. Quarta, quinta e sexta, 20h30. Sábado, 16h e 20h. Domingo, 16h. R\$ 60 a R\$ 120 (qua.). R\$ 90 a R\$ 150 (qui. e sex.). R\$ 120 a R\$ 180 (sáb. e dom.).



## O PROCESSO

A crítica ao estado burocrático do clássico de Franz Kafka traz Tuca Andrada no papel de Josef K., um homem que não sabe por quê está sendo processado. Adaptação e direção: José Henrique. **Teatro Maison de France** (Av. Antônio Carlos, 58, Centro). Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 40 (qui. e sex.). R\$ 50 (sáb. e dom.).

## QUATRO CARREIRINHAS

Grupo vocal morre em acidente de carro e tem de convencer Deus de que merecem o Paraíso. Texto: Flávio Marinho. Direção: Wolf Maya. Com Cláudio Lins, Renato Rabelo, Cláudio Galvan, Carlos Leça e Fênix. **Teatro Leblon – Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Terça e quarta, 21h. R\$ 40.

## O QUE EU GOSTARIA DE DIZER

Uma reflexão sobre a fragilidade das relações humanas, a falta de comunicação e a solidão é mostrada pelos atores Luís Melo, Bianca Ramoneda e Márcio Vito, que desenvolveram os temas com o diretor Márcio Abreu. **Espaço SESC** (Rua Domingos Ferreira 60, Copacabana). Fone: 2547-0156. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R\$ 16.

## RÁDIO NACIONAL

*As Ondas que Conquistaram o Brasil*. Musical de Fátima Valença. Direção: Fábio Pillar. Com Adriana Quadros, André Dias, Cláudia Vigone. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$ 30 (qui.) e R\$ 40 (sex. a dom.).

## REALIDADE VIRTUAL

O drama assinado pelo ator Alan Arkin mostra duas pessoas que são contratadas para realizar juntas uma missão que não sabem qual é. Direção e atuação: Cláudio Mendes e Mariana MacNiven. **Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 142, Centro). Fone: 3261-2550. Terça e quarta, 19h. R\$ 20.

## O SANTO E A PORCA

A comédia de Ariano Suassuna traz Ewerton de Castro como um avarento angustiado com a possibilidade de perder o dinheiro que acumulou a vida inteira. Direção: João Fonseca. Com Élcio Romar, Armando Babaiof, Gláucia Rodrigues. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4455. Quinta a domingo, 19h30. R\$30 (qui.) e R\$40 (sex., sáb. e dom.).

# NÃO PERCA

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica



FOTOS: DIVULGAÇÃO

## O santo e a porca

“Um espetáculo engraçadíssimo, mas que também leva à reflexão, bem dentro do espírito de Ariano Suassuna. O elenco, com Ewerton de Castro à frente, é excelente. E a direção de atores, de João Fonseca, simplesmente maravilhosa!”

Inês Vianna, atriz

## As centenárias

“É um trabalho de equipe excelente. Texto divertido e repleto de conteúdo. Cenário lindo. Atrizes deslumbrantes. Uma direção preciosa do Aderbal Freire-Filho. E o Teatro Poeira é um dos melhores do Rio. Imperdível.”

Drica Moraes, atriz



## Beatles num céu de diamantes...

“... e também *A Noviça Rebelde*. As produções de Charles Moeller e Cláudio Botelho sempre têm alta qualidade, com uma escolha precisa de cantores e atores. Por isso, sinto-me à vontade para fazer duas indicações. O espetáculo dos Beatles é recomendado até para quem não é beatlemaníaco. A montagem da *Noviça* é belíssima.”

Ida Gomes, atriz

## O que eu gostaria de dizer

“O espetáculo traz cenas que estão completamente ligadas ao cotidiano, e ao mesmo tempo são extremamente elaboradas. O ritmo é orgânico, um fluxo vivo. As interpretações de Luis Melo, Bianca Ramoneda e Márcio Vito são brilhantes. Uma proposta que se percebe nitidamente, exigindo uma segunda ida ao teatro”.

Letícia Sabatella, atriz



# A forma das coisas

A arte acima de qualquer preço ou barreira

O dramaturgo e cineasta Neil Labute é conhecido pelo universo de amoralidade de suas tramas, nas quais o individualismo se manifesta através de atos de aparente indiferença. O resultado geralmente leva platéias a combinarem sensações de reconhecimento das situações com perplexidade, já que seus personagens parecem pessoas comuns, do tipo que encontramos em ambientes profissionais ou de estudos. Esse jogo de aparências com que Labute provoca seu público está em *A Forma das Coisas*, que discute a amoralidade e os limites da arte na Casa da Gávea, continuando temporada iniciada no Espaço Sesc.

## Pigmaleão...

A peça acompanha o envolvimento de Evelyn, estudante de Artes, com o tímido Adam, que trabalha na segurança do museu da universidade. Influenciado por Evelyn, Adam modifica seus hábitos, sua forma de se vestir e até seu comportamento, tornando-se uma pessoa com autoconfiança e menos apreço pelas antigas amizades. Guilherme Leme, diretor do espetáculo, ficou

“enfeitiçado” pelo texto, pela discussão ética proposta em relação aos preconceitos e ao papel transformador da arte, além do que considera uma releitura sobre o mito de Pigmaleão, em que o criador se apaixona pela criatura. Leme, que também é artista plástico, pesquisou a peça homônima de Bernard Shaw, em que um professor transforma uma florista em dama de alta sociedade: “Busquei referências nos trabalhos de Man Ray, Pica-bia e Marcel Duchamp, porque eles levaram a discussão sobre o conceito de arte a limites jamais atingidos”, diz Guilherme.

Há duas discussões na peça: o que é arte, até onde se vai pela arte e quando a paixão pode se exprimir pela crueldade. “O ser humano nasce cruel, a educação é que o treina para a solidariedade, o carinho, a ética. Gosto muito dessa história que não faz concessões ao amor, à bondade”, conta o diretor. “São pessoas jovens e muito cruéis, interessadas nelas mesmas, vaidosas. É interessante quando o debate sai da análise do namoro dos protagonistas para uma discussão sobre a arte e a ética. No fim, concluímos que a arte é cruel porque nos invade, mexe com



## Entre o cinema e o teatro

A formação original do norte-americano Neil Labute é o teatro, mas foi ao filmar sua peça *Na Companhia dos Homens* que chamou a atenção do cenário internacional, conquistando diversos prêmios cinematográficos, em 1997. Desde então, transita entre teatro e cinema, com histórias pesadas e desconcertantes, como a peça *The Mercy Seat*, na qual um homem que deu uma escapada do escritório para encontrar com a amante descobre, no fim do dia 11 de setembro, que o edifício onde trabalhava fora destruído. Imaginando que a família pense que ele morreu no atentado, cogita, então, fugir e recomeçar uma nova vida ao lado da mulher que ama.

FOTO: DIVULGAÇÃO

as nossas emoções, exerce um papel transformador ao passar por cima de muita coisa previamente estabelecida”.

## ... e Fausto

O ator e produtor Pedro Osório interessou-se pela peça depois de assistir ao filme que Neil Labute dirigiu, em 2002, estrelado por Rachel Weisz e Paul Rudd. Osório comprou os direitos da peça e convidou Guilherme Leme a dirigi-la, ficando com a produção e interpretando Adam no palco. Para Osório, o texto remete ao mito de Fausto, que vende sua alma em nome de uma paixão ou da própria vaidade. Um tema recorrente na atualidade, em que tudo se faz para manter uma imagem externa condizente com a estética do momento, sem preocupações com o conteúdo de cada um. “A transformação externa que pode mudar sua vida é oferecida a todo momento em programas de televisão,

que promovem cirurgias plásticas, reformas de casa e de guarda-roupas. A peça não tem uma discussão romântica entre o bem e o mal, mas questiona a ausência de valores morais do mundo contemporâneo pelo lado sórdido da vida”, diz Pedro Osório.



# Balaio de gatos



**Identities trocadas, enganos e humor em texto que já correu o Brasil e os Estados Unidos**

Por Olga de Mello

Uma comédia de erros com uma boa dose de romantismo, *Balaio de Gatos* rodou o mundo antes de chegar ao Teatro dos Grandes Atores. Em cartaz há dois anos, a peça já foi assistida por mais de 40 mil pessoas em capitais nordestinas, em

São Paulo e em cidades norte-americanas como Nova York, Nova Jersey, Atlanta, Miami e Filadélfia, com apresentações para as comunidades brasileiras que vivem nesses locais. “A experiência com diferentes públicos em locais tão diversos nos dá muito

mais segurança para as apresentações no Rio”, diz a atriz Fabiana Karla, que estrela o espetáculo ao lado de Leandro da Matta. Não que as apresentações off-Rio fossem ensaios para a montagem carioca: “Foi uma escalada lenta. Recebi a peça em 2005. Nesse período, tivemos tempo para descobrir todas as nuances do texto e explorar todas as possibilidades em cena, de acordo com a reação dos expectadores”, explica Fabiana.

## Por água abaixo

Escrita a quatro mãos por Fátima Valença e Bia Montez, *Balaio de Gatos* joga com elementos consagrados na comédia, entre eles a troca de identidades e a paixão que surge entre personagens de temperamentos e vidas muito diferentes. Um assaltante desastrado é surpreendido com a presença da dona da casa, uma mulher rica a quem decide seqüestrar para pedir um resgate. Os planos vão por água abaixo quando os dois se apaixonam, antes que a mulher revele ser a empregada da família.

Bia Montez teve a idéia de oferecer a peça para Fabiana Karla ao ver a atriz atuando na televisão. “A personagem que havíamos criado estava à procura de quem a encarnasse. Telefonei para a Fátima, que imediatamente concordou: Fabiana era a nossa protagonista”, lembra Bia Montez. As autoras entraram em contato com a atriz, que aderiu ao projeto, garantindo que produziria e encenaria a peça. “Na verdade, o produtor aqui em casa é meu marido, Samuel Petroti. Então, tive de aguardar que ele dissesse a hora de subirmos

ao palco. Afinal, levamos o espetáculo para o Brasil e também mundo afora sem qualquer patrocínio”, diz Fabiana Karla.

## Melhor que a fantasia

Para Bia Montez e Fátima Valença, que já escreveram juntas diversas comédias, o encontro de personagem e atriz foi decisivo para a qualidade alcançada pelo espetáculo: “Particularmente gostamos de ver uma mulher fora dos padrões convencionais de beleza estrelando um texto que fala de pequenos sonhos, de duas pessoas iludidas, que procuram ser o que jamais serão. Nem ele é um ladrão, nem ela é uma socialite rica. Os dois estão tentando desempenhar outros papéis até descobrirem que a realidade pode ser melhor do que a fantasia. E, por amor, eles desistem de fingirem o que não são”, diz Bia. A situação inusitada e moralmente equivocada, para Fátima Valença, pode acontecer com qualquer um: “É um texto leve, divertido, que traz alguma reflexão sobre a vida brasileira também”.

Para Fabiana Karla, estar no palco, depois da popularidade alcançada com suas atuações em programas humorísticos na televisão, é uma volta às origens. “Comecei atuando no palco, no Recife, fazendo muita comédia, mas também dramas. Hoje, sei que meu público quer me ver e se divertir. E eu realmente faço meu teatro para o meu público. É no teatro que encaramos o desafio diário de nos superarmos, de representar de acordo com a inspiração que vem da platéia. É no teatro que o artista se renova”.

# CENA ABERTA

cena aberta

*Henriqueta Brieba*



Alfredo Silva e  
Henriqueta Brieba,  
em Pé de anjo, 1920

# Freestyle

liberdade para escolher o seu estilo

Lê Parkour Skate Graffiti Roller Rap Basquete  
Handball Futebol Break Street Dance



Equipamentos profissionais



Professores renomados



Maior rampa indoor do Brasil



## Escolha a sua modalidade!

- Aulas aos sábados
- Hora/Aula R\$ 15,00
- Flexibilidade de horário

Inscrições: [filipealbuquerque@aplauso.art.br](mailto:filipealbuquerque@aplauso.art.br)  
(21)7832-9060

Parte da renda será revertida em favor das  
iniciativas sócio-culturais da **ONG Galpão Aplauso**

Realização:  lugar

Apoio:



[www.aplauso.art.br](http://www.aplauso.art.br)